

## EDUCAÇÃO, LUTA DE CLASSES E REVOLUÇÃO

## EDUCACIÓN, LUCHA DE CLASES Y REVOLUCIÓN

## EDUCATION, CLASS STRUGGLES AND REVOLUTION

Edmundo Fernandes Dias<sup>1</sup>

**Resumo:** A relação entre educação, luta de classes e revolução é questão do como se dá a construção de sociabilidades e, portanto, como se configura a hegemonia. Todo modo de vida constitui o conjunto da práxis das classes, isto passa pelas lutas que as classes em presença travam. Alguns autores marxistas acentuam a noção de experiência. Essas experiências testadas e re-testadas são o elemento sobre o qual as classes se movem. Portanto, as lutas de classe e a educação necessitam uma da outra. Conhecer o real de cada uma das nossas sociedades é vital para o processo da construção de uma nova sociabilidade. O processo educativo-revolucionário requer de todos aqueles que o pretendem a preparação dos intelectuais, o conhecimento das nossas sociedades. A revolução é, portanto, o clímax desse processo educativo da luta de classes. É o momento em que a hegemonia se realiza. Senão nada passará de um *sonho de uma noite de verão!*

**Palavras-Chave:** hegemonia, práxis, processo educativo – revolucionário.

**Resumen:** La relación entre educación, lucha de clases y revolución es cuestión de cómo se da la construcción de sociabilidades y, por lo tanto, como se configura la hegemonía. Todo modo de vida constituye el conjunto de la praxis de las clases, esto pasa por las luchas que las clases en presencia traban. Algunos autores marxistas hacen hincapié a la noción de experiencia. Esas experiencias probadas y probadas nuevamente son el elemento sobre el cual las clases se mueven. Por lo tanto, las luchas de clase y la educación necesitan una de la otra. Conocer lo real de cada una de nuestras sociedades es vital para el proceso de la construcción de una nueva sociabilidad. El proceso educativo revolucionario requiere de todos aquellos que pretenden la preparación de los intelectuales, el conocimiento de nuestras sociedades. La revolución es, por lo tanto, el clímax de ese proceso educativo de la lucha de clases. Es el momento en que la hegemonía se realiza. Sino nada pasará de un *¡sueño de una noche de verano!*

**Palabras Clave:** hegemonía, praxis, proceso educativo revolucionario.

**Abstract:** The relationship between education, class struggles and revolution is a matter of understanding the construction of sociability, thus, understanding how to configure hegemony. Every way of life constitutes on the set of the praxis of classes which represents the struggles that classes go through. Some Marxist authors emphasize the awareness of experience. These experiments tested and re-tested are the element on which classes shift. Therefore, class struggles and education need each other. Knowing the real one from the entire society is vital for the process of building a new sociability. The revolutionary educational process requires from all those who wish to prepare the intellectual knowledge of our societies. Hence, revolution is the climax of this educational process of class struggles due to the fact that it is when hegemony takes place. Otherwise, it will be only a midsummer's night dream!

**Keywords:** hegemony, praxis, revolutionary educational process.

Georges Politzer, velho militante do PCF, dizia que tudo estava dialeticamente ligado a tudo. Este não é o nosso problema. O que precisamos saber é como o real, que é a síntese de todas as contradições, a unidade na diversidade, é capaz de revelar essas relações. Poderíamos simplesmente afirmar a relação. Não nos resolverá nada tal formulação.

Na realidade o que reúne os três termos acima colocados é a questão da hegemonia. Esta, contrariamente, ao que pensam os liberais (e mesmo alguns que se afirmam marxistas) não se reduz a um domínio numérico, mas, muito mais que isso, a hegemonia significa a construção de sociabilidades. Para tal é preciso romper com a visão determinista e automática de que mudada a forma de governo ou a correlação de forças vigente bastaria para configurá-la.

Entre as macro-determinações (as relações sociais de produção) e as micro-determinações (o cotidiano das classes sociais, das mulheres e dos homens de carne e osso) existem outras relações sociais como as políticas, as ideológicas, etc. A esse conjunto articulado na forma de um cotidiano contraditório estarei chamando de “modo de vida” dentro da concepção que Gramsci e Trotsky tem desse conceito. O modo de vida é a forma pela qual se traduzem as determinações sociais. Logo pensar a questão da educação é pensar como aquilo que está inscrito em um modo de vida determinado pode ser alterado: a isso chamo hegemonia.

A relação proposta como objeto desta breve reflexão já nos mostra sua indissociabilidade. Educação, Luta de classes e revolução são as diversas faces desse processo. Todo modo de vida constitui o conjunto da práxis das classes. Obviamente isto passa pelas lutas que as classes em presença travam. Alguns autores marxistas acentuam a noção de experiência. De fato as experiências das classes são decisivas. Elas se tornam patrimônio da classe por um sem número de atos pedagógicos. Atenção! não estou falando de atos escolares. Essas experiências testadas e re-testadas são o elemento sobre o qual as classes se movem. Assim assumimos que as lutas de classe e a educação necessitam uma da outra.

É esse processo educativo – sempre marcado pelas contradições classistas – que tornaram possível a formulação dos programas/projetos, mas, também, é ele que permite a tomada de decisão das classes frente às possibilidades que se abrem ou fecham. Se nos libertarmos de uma tradição que identifica intelectual tanto com erudito quanto como profissional diplomado na Universidade poderá avançar na compreensão do processo revolucionário. Iremos trabalhar a questão dos intelectuais do ponto de vista gramsciano. Vale dizer é intelectual aquele que é capaz de articular os problemas colocados por uma época à uma determinada classe social. Deste ponto de vista afirma-se a radicalíssima tese gramsciana segundo a qual todos somos intelectuais.

Trabalhemos a caracterização de cada dos termos da nossa problemática. Educação, por exemplo, é absolutamente polissêmica. Estaremos, contudo, trabalhando a educação como a forma pela qual as classes construam seus discursos e suas práticas. É, também, a forma pela qual uma dada sociedade constrói futuras gerações que permitam manter ou alterar a forma social vigente. A educação não é neutra. Ela expressa os diferentes modos de vida – tradução empírica – da articulação entre as macro-determinações (as famosas relações sociais de produção) e as micro-determinações presentes no cotidiano de mulheres e homens, isto é, das classes. A educação, nesse sentido, determina as formas de pensar, agir, sentir, praticar o amor e mesmo responder aos problemas da sobrevivência material e simbólica.

Não é, portanto, uma questão técnica, mas fundamentalmente política. A Educação é a forma pela qual as classes estabelecem – ou podem estabelecer – sua hegemonia. Por isso as classes dominantes

tratam a questão da educação como forma de codificar a estratificação social adequada à sua dominação. A educação para elas não responde às necessidades do conjunto da sociedade. Ela possui contradições como todas as instituições de uma sociedade classista, privilegiando, contudo, os elementos necessários à sua ordem. Nada seria mais perigoso para os subalternos do que compreendê-la como meramente reprodutora. É verdade que, na sociedade capitalista, a medicina, a engenharia, a química e por aí adiante, responde às necessidades burguesas. O médico já "nasce" "especialista", o engenheiro não está evidentemente ligado – de forma geral – às necessidades populares. O advogado é, na sua imensa maioria, o defensor da lei classista.

A Universidade pública corresponde, assim, apesar das críticas dos privatistas, aos interesses do capital. Produz, reproduz e reforça uma estratificação social. O ensino da linguagem e da cultura são trabalhadas, normalmente, na perspectiva da norma culta, desmerecendo/reprimindo a norma popular. Um bom exemplo era a forma preconceituosa com que o ex-presidente Luis Inácio era tratado ao falar "menas" e coisas do gênero. Ao avançar no comando político do país ele passou a usar a norma culta, garantindo com muito mais fluência os interesses do capital financeiro. Mas nunca deixou, quando falava com os subalternos, de usar a norma popular. O que lhe possibilitou, mesmo aparentando o contrário, articular o silêncio dos subalternos. Da pretensa esquerda e da norma popular ele se passou a uma linguagem mais elaborada e ao mesmo tempo tornou-se o político responsável que a burguesia queria. Esta foi uma poderosa absorção educacional do patrimônio da subjetividade antagonista.

Do ponto de vista popular a questão se coloca de maneira totalmente diferenciada. Trata-se de realizar a luta de classes tornando-a clandestina. O papel educacional é desempenhado aqui não pela instituição escolar formal, mas, pelo contrário, pelos chamados órgãos de comunicação de massa. Estes, conscientemente, na sua imensa maioria, transformam todo o rico patrimônio cultural elaborado ao longo de séculos em uma vulgata universal como afirmam Bourdieu e Loïc Wacquant. A construção da hegemonia passa, assim, pela desqualificação de todo um rico conjunto de problemas das classes subalternas e sua subsunção aos interesses das classes dominantes.

Construir a hegemonia dos dominantes significa a imposição de um horizonte intelectual único que ficou conhecido como o pós-modernismo, irmão gêmeo do neoliberalismo. A história virou, quando muito, biografia; os grandes processos sociais foram, em grande medida, reduzidos a um cotidiano sem conflitos; a luta virou parceria e a miséria, exclusão. Muitos dirão que são "outros olhares". E, de fato, o são. Todo o conjunto de lutas dos subalternos, suas conquistas, etc., têm necessariamente que desaparecer para garantir as formas de acumulação de capital. É preciso fazer crer que essas lutas não tem mais significado, que o trabalho não é mais fundamental na sociabilidade dos subalternos, enfim, é preciso dizer que o atual é o único possível. Trata-se de uma contra-revolução preventiva em escala planetária. Esta tarefa normalmente cabe àquilo de Franco Basaglia chamava as "Instituições da Violência": a família, a escola, o trabalho.

É preciso desmistificar toda e qualquer visão determinista. Nada na história está predeterminado. Trabalhar nessa perspectiva é realizar uma obra anti-educativa, de desorganização

objetiva das classes subalternas. Mas, por outro lado, essa visão determinista é uma forma privilegiada para a manutenção do poder capitalista. Fazer a revolução implica, em primeiro lugar, uma ação educativa coordenada no sentido de decifrar a esfinge capitalista. Marx afirmou que o segredo da dominação está na forma pela qual se extrai o mais-valor. Isto implica que as classes, e seus intelectuais, devem conhecer profundamente a realidade social em que estão emersos. Quando Luis Inácio assumiu a presidência alguns mitos circulavam: as classes dominantes falavam no perigo que ele representava para o capitalismo; muitos membros do movimento social acharam que chegara a hora de resolver todas as grandes questões vividas pela massa dos dominados.

Se se cuidasse em examinar a realidade existente – e, objetivamente, os próprios documentos da candidatura e dos grupos que a apoiavam – veríamos que ambas as questões eram falsas. Risco para o capitalismo? Nenhum. Soluções para os subalternos? Zero absoluto. No entanto foi montada uma rede ideológica construída a partir de problemas assistencialistas compatíveis com as propostas dos organismos internacionais. Não negamos que em alguma medida esses programas aparentam “resolver” esses problemas e dão certo desafogo para as populações em condições as mais terríveis. Resolveu-se o problema da miséria como propalou o governante que saiu? Mas a governante que entrou afirma que é sua prioridade criar um PAC de erradicação da miséria. Quem mentiu? Quando mentiu: antes, durante, depois ou o tempo todo? Apesar disso não há como negar o profundo aspecto pedagógico dessas práticas.

Coloca-se para os intelectuais das classes subalternas uma questão decisiva: construir o sentido, construir o projeto político-hegemônico dessas classes. O primeiro passo é a destruição dessas *persona*, dessas máscaras. Isto significa construir os elementos práticos e analíticos que permitam assenhorear-se das condições reais. Negar uma educação que recusa as questões populares, afirmar essas questões. Construir a ponte que permita a ligação orgânica do sentir das massas e do saber dos intelectuais significa criar um mecanismo que permita que qualquer indivíduo das classes subalternas possa se apoderar do patrimônio das experiências histórico-culturais de sua classe e articular isto com as formas já elaboradas pelo conjunto da sociedade. Desmistificar o conhecimento, transformar as questões do cotidiano, entendido como laboratório das práticas sociais, como laboratório da teoria. Impedir que a dominação se passe via a conquista de uma subjetividade classista antagonista.

A queda [da] alternativa [socialista] colocou o homem face à nua realidade do capital, a sua substancial imoralidade e indiferença ética. O neoliberalismo, que visa destruir, em nome do mercado, todas as solidariedades sociais e, com elas, qualquer entidade coletiva e comunitária (do Estado à família, da escola pública à vida da região ou do bairro), é a ideologia do pós-comunismo.<sup>2</sup>

A reflexão de Luperini nos mostra a redução do papel dos intelectuais:

[...] cada vez mais, o intelectual é substituído ‘pelo especialista’, pelo técnico [...] que coloca o próprio saber a serviço de uma instituição – pública ou privada, não importa – sem mais capacidade ou possibilidade de ver para além deste horizonte setorial. [...] Coincide com a tarefa designada pelas instituições, sejam estas científicas e educativas de um estado, o sistema das comunicações públicas, uma entidade ou uma empresa privada, ou o próprio governo de uma nação. Comporta um saber, um conjunto de competências específicas, em troca de um estipêndio; implica em financiamentos públicos ou privados para a pesquisa; um *status*, tarefas, ainda que burocráticas, e a

colocação em uma hierarquia. Deste ponto de vista o intelectual é sempre um funcionário.

O professor não é um educador, mas um docente; quem se assenta nos tribunais não é um juiz, mas um magistrado; quem cura os enfermos não é um médico, mas um operador sanitário. A educação, a justiça, a saúde são substituídas pela sua administração setorial, isto é, técnica e burocrática.” (*idem*)

Esse processo de transformação faz com que um conjunto de subjetividades antagonistas, de historicidades e de lutas tenda a desaparecer. Ao invés das classes em presença, com conflitos legitimados, surge como se fosse a única realidade o mercado, como *deus ex machina*. O que ele quer da educação? Pretende que o jovem saiba

[...] “*Situar-se no espaço e no tempo*”, “*apropriar-se de uma cultura*”, “*apropriar-se de ferramentas de comunicação*”, “*tomar consciência das implicações de uma escolha*”, “*posicionar-se com respeito ao ambiente*”, “*posicionar-se com respeito às tecnologias e às ciências*”, “*abrir-se à diversidade social e cultural*”, “*agir como consumidores responsáveis*”, “*compreender a organização política e o papel das instituições*”.<sup>3</sup>

Ou seja, espera-se que este jovem tenha os requisitos mínimos para incorporar-se como *gorila amestrado*. Mas com a aparência de possuidor de um “chateação ponto zero”.

Desde 1997, um novo termo – ‘chateação zero’ – começou a circular em silêncio pelo Vale do Silício, terra natal da revolução informática nos Estados Unidos. [...] foi aplicado aos empregados que, independentemente de incentivos financeiros, trocavam com facilidade de emprego. Mais recentemente, passou a significar ‘descomprometido’ ou ‘desobrigado’. Um empregador ‘pontocom’ pode comentar, com aprovação sobre um empregado: ‘Ele é um chateação zero’, querendo dizer que ele está disponível para assumir atribuições extras, responder a chamados de emergência, ou ser realocado a qualquer momento”. (*idem*, p. 17)<sup>4</sup>

Há, portanto, uma brutal contradição entre

[...] de um lado, as promessas de que os admiráveis progressos tecnológicos e científicos parecem portadores e, por outro, a miséria com a qual o sistema comprime massas crescentes de habitantes do planeta. *Uma forma particular de tal contradição é aquela que opõe a imagem fictícia de uma sociedade dita “do conhecimento” à realidade de um mercado de trabalho que paradoxalmente reclama cada vez mais mão de obra escassa ou inteiramente desqualificada.*”<sup>5</sup> (Grifo nosso)

A ruptura, no plano escolar, deve ser a tradução da libertação ideológica. Gramsci chamava a atenção já nos anos dez do século passado para a divisão entre uma escola humanística para os dominantes e uma escola profissionalizante para os subalternos. Essa cisão, ainda que com outra face, segue-se reproduzindo. As “reformas” (*sic*) da universidade no governo anterior indicam claramente essa tendência. O ensino – pois não se trata de forma alguma de educação – à distância é parte daquela aparência necessária de democratização, mas é, usando a expressão popular, pão para os pequeninos. Mesmo a Universidade que se pretende como pública e de qualidade vem sendo sufocada e privatizada. Quando interessa a algum grupo econômico ou mesmo a um órgão governamental aparecem os recursos, mas que não ficam disponíveis para todos. A chamada cultura humanista é mais e mais reprimida ou simplesmente pauperizada intelectual e financeiramente. Raul Mordenti salienta um outro projeto.

Chamarei esta escola de ‘três L’, isto é *literatura, língua, liberdade*. Entendendo por ‘literatura’ a fruição consciente do patrimônio histórico-literário da humanidade (não apenas da nação italiana) e também o assenhoreamento dos densos códigos retóricos que organizam tal patrimônio; por ‘línguas’ (no plural e não apenas o inglês!), um acesso

direto aos textos do mundo, uma saída dos asfixiantes confins do provincianismo italiano; e por 'liberdade', a liberdade de ensino e de aprendizagem, isto é, o pluralismo e a autogestão dos processos formativos que apenas a escola pública e republicana, garantida pela Constituição, pode garantir a todas e a todos".<sup>6</sup>

Acesso à cultura nacional, entendida como aquela produzida pelas diferentes classes em presença, pela construção histórica dos seus projetos, de suas subjetividades; subtrair-se ao monopólio e ao genocídio político-intelectual do capitalismo dominante; tudo isto requer a libertação ideológica das mais amplas classes e frações de classe subalternas. Isto não significa desconhecer a elaboração dos dominantes até mesmo porque infeliz é o exército cujos generais só pensam nas suas possibilidades e não conhecem às dos outros.

Acima de tudo a educação – nunca estou pensando apenas no aparelho educativo formal - é o elemento no qual e pelo qual se constroem os intelectuais necessários. Retomemos o início desta conversa: intelectual é aquele que pensa e elabora os problemas da sua classe, do conjunto das classes subalternas. Democrático é o processo pelo qual qualquer indivíduo da base social possa vir a ser um intelectual pleno. Na linguagem gramsciana quando cada soldado possa vir a ser general do seu exército classista. Para tal faz-se necessário que o “sentir das massas” e o “saber das direções” estejam marcados por uma capacidade de mútua compreensão. Um dos efeitos do “saber das direções” quando dissociado da experiência histórica concreta de sua base social é a criação ou de um anti-intelectualismo (frequente nos movimentos sociais) ou a transferência para as direções da possibilidade de compreensão/decifração do real. Quando as direções dão voz a quem não tem voz – “massas” – elas fazem o mesmo que os dominantes. Infantilizam a sociedade. Fazer a revolução exige muito mais do que a disciplina militante. Exige a capacidade de decidir a partir do conhecimento que se tem do real.

E a revolução? Esta é uma investigação absolutamente necessária. Na maior parte do século passado a revolução foi pensada como uma determinação externa à prática militante das classes. Ela viria pelo efeito da crise final do capitalismo, como se este morresse automaticamente. Foi também entendida como um ato de força, da violência revolucionária e que se tratava então de “tomar o poder”. Na realidade não se pode tomar o poder, mas destruí-lo já que ele é um conjunto articulado de relações sociais. Conhecer o real de cada uma das nossas sociedades é vital para o processo da construção de uma nova sociabilidade. E não podemos esperar que “tomemos o poder” para depois agir. A revolução começa hoje, aqui e agora. Atenção! não estou afirmando que vivemos uma situação pré-revolucionária. Justo o contrário. O que afirmo é que não podemos ficar esperando... O processo educativo-revolucionário requer de todos aqueles que o pretendem a preparação desses intelectuais, o conhecimento das nossas sociedades. A revolução é, portanto, o clímax desse processo educativo da luta de classes. É o momento em que a hegemonia se realiza. Senão nada passará de um *sonho de uma noite de verão!*

---

## Notas

- 
- <sup>1</sup> Atuou como Professor do Departamento de Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciência Humana (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atuou como Secretário da ADUNICAMP e do ANDES Sindicato Nacional. Um dos fundadores e Primeiro Coordenador Geral da Associação Brasileira de Educadores Marxistas (ABEM). Email: praxis@lexxa.com.br
- <sup>2</sup> Romano Luperini, “*La condizione degli intellettuali?*”. *Prolusione tenuta in novembre per l’apertura dell’anno accademico 2007-2008*, Università degli studi di Siena, <http://www.aetninet.org/modules.php?name=News&file=article&sid=9534>. Acesso em 4-3-2009.
- <sup>3</sup> Nico HIRTT, 2008. “*A avaliação por ‘grelhas de competência’*”, *L’écologie démocratique* (Aped), 25 de julho, <http://ferrao.org/2008/08/nico-hirtt-avaliacao-por-grelhas-de.html>. Acesso em 28-11-2009.
- <sup>4</sup> Citado por Zygmunt BAUMAN, 2008. *Vida para consumo. A transformação de pessoas em mercadoria*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro.
- <sup>5</sup> Nico HIRTT, 2004. “*L’educazione europea e la crisi mondiale del capitalismo?*”. *Contributo al seminario “Educazione e globalizzazione in Europa”*, Fórum Social Europeu, Londres, 16 de outubro. <http://www.skolo.org/spip.php?article981&lang=fr>. Acesso em 28-11-2009.
- <sup>6</sup> Raul Mordenti, 2008. “*Insegnare a leggere e a scrivere nell’epoca del computer. La scuola delle ter ‘L’*”, [http://www.treccant.it/Portale/sito/scuola/in\\_aula/lingua\\_e\\_letteratura/A\\_cosa\\_serve\\_la\\_letteratura/mordenti.html](http://www.treccant.it/Portale/sito/scuola/in_aula/lingua_e_letteratura/A_cosa_serve_la_letteratura/mordenti.html). Acesso em 15-1-2010.